

Covid-19: a catástrofe latino-americana, entre a caça e a imaginação

Covid-19: the Latin American catastrophe between the hunting and the imagination

Covid-19: la catástrofe latinoamericana, entre la caza y la imaginación

Giuseppe Cocco^{1,2,a}

beppo1977@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7436-8807>

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Doutorado em História Social pela Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne.

RESUMO

Esta nota expõe um breve balanço da história da pandemia de Covid após sete meses de crise. Com esse objetivo, apreendemos três grandes tendências: o impacto letal do negacionismo em países como os Estados Unidos e o Brasil; a chegada da segunda onda na Europa e, enfim, a catástrofe nos países latino-americanos onde os indicadores pioram em todos eles independentemente das políticas de contenção que foram implementadas desde o mês de março de 2020. Para a discussão dessas três tendências, elaboramos três momentos de reflexão de maior fôlego: a clivagem que separa os modelos de gestão da pandemia na Ásia no Ocidente; a necessidade de uma política social (como o auxílio emergencial) para tornar viáveis as políticas sanitárias na América Latina; e, enfim, uma reflexão mais geral sobre a relação entre as catástrofes e a imaginação.

Palavras-chave: Imunidade de rebanho; Caça; Informalidade; Negacionismo; Pandemia.

ABSTRACT

This paper presents a brief analysis of the history concerning Covid pandemic after its beginning seven months ago. In pursuing this purpose we realised three major trends: the lethal impact of denialism in countries such as United States and Brazil; the arrival of the second wave of coronavirus in Europe; and finally, the Latin American catastrophe where the indicators of people affected by disease worsen in all their countries regardless of the policies to restrain it implemented since March 2020. To discuss these three trends, we have deepened three reflections: the cleavage between the management model of the pandemic in Asia and the Western management model; the need for a social policy (such as an emergency financial aid) to make health policies viable in Latin America; and at last a general reflection on the relationship between the catastrophes and the imagination.

Keywords: Herd immunity; Hunting; Informal sector; Denialism; Pandemic.

RESUMEN

Esta nota expone un breve análisis de la historia de la pandemia de Covid después de siete meses de crisis. Intentando alcanzar este propósito, hemos distinguido tres grandes tendencias: el impacto letal del negacionismo en países como Estados Unidos y Brasil; la llegada de la segunda ola a Europa; y finalmente la catástrofe latinoamericana donde los indicadores del contagio empeoraron en todos los países independiente de las políticas de contención implementadas desde marzo de 2020. Para discutir estas tres tendencias, hemos profundizado tres reflexiones: la diferencia entre el modelo de gestión de la pandemia en Asia y el modelo implementado en Occidente; la necesidad de una política social (como lo auxilio financiero de emergencia) para hacer viables las políticas de salud en Latinoamérica; y por último una reflexión de forma más general sobre la relación entre las catástrofes y la imaginación.

Palabras clave: Inmunidad de rebaño; Caza; Sector informal; Negacionismo; Pandemia.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores: o autor é responsável por todo o texto.

Declaração de conflito de interesses: não há

Fontes de financiamento: bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 13 out. 2020 | aceito: 13 out. 2020 | publicado: 17 dez. 2020.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

“We knew, but we didn’t believe what we knew”ⁱ

Falar da pandemia e de sua gestão depois de seus primeiros sete meses parece ser um pouco mais simples do que no pandemônio do evento inicial. O vírus continua escrevendo sua história e a primeira constatação que podemos fazer é que permanece uma grande ‘confusão’: no meio da corrida para a produção de vacinas, os esforços para conter a epidemia se misturam à recrudescência de várias formas de negacionismo. Contudo, podemos apontar pelo menos três tendências: o impacto letal do negacionismo; a catástrofe latino-americana e o anúncio da segunda onda na Europa.

Há uma correlação clara entre negacionismo e níveis de letalidade provocados pela pandemia nas populações: os países governados por negacionistas (como Donald Trump ou Jair Bolsonaro) continuam na primeira onda do contágio e mostram um platô de estabilidade com um elevado número diário de casos e de vítimas letais: Estados Unidos e Brasil se destacam e somam (em 5 de outubro) algo como 350.000 vítimas, 35% do total (sendo que os dois países somam apenas 13% da população mundial). A segunda tendência diz respeito à América Latina como um todo: independentemente das políticas adotadas pelos diferentes governos diante da pandemia (confinamento, *lockdown*, distanciamento, negação etc.), depois de um primeiro momento durante o qual parecia haver trajetórias diferenciadas (bem ou mal sucedidas) estão todos convergindo para os piores indicadores de desempenho mundiais: na América Latina, a pandemia já é uma catástrofe². A terceira tendência é aquela que indica a trajetória da maior parte dos países europeus: totalmente despreparados na hora da explosão do contágio (final de fevereiro), a maioria teve que recorrer a um *lockdown* rígido. Quatro meses depois da reabertura (entre final de maio e início de junho), quase toda a Europa está com indícios consistentes de uma retomada sustentada dos contágios que anunciam uma segunda onda. O futuro aparece cheio de incertezas. Todos os territórios se mostram frágeis a eventos específicos que podem, de repente, fazer explodir a velocidade de propagaçãoⁱⁱ. No momento, só o sucesso rápido da corrida mundial pela vacina parece ter condições de deter as consequências sanitárias, econômicas e políticas da Covid-19.

Nessa incerteza, podemos avançar tentando apreender as dinâmicas estruturais dessas três tendências. Em primeiro lugar, o Extremo Oriente continua mostrando e confirmando uma clara capacidade de bloquear o contágio por meio de um modelo de gestão da luta contra a pandemia que articula as figuras da ‘caça’ e os modos da ‘mobilização’. Em segundo lugar, a convergência de praticamente todos os países da América Latina com as piores taxas de mortalidade e o mais total descontrole da pandemia, inclusive nos países onde houve grandes esforços dos governos em implementar políticas de prevenção (como, por exemplo, o longo período de *lockdown* rígido na Argentina), indicam uma catástrofe latino-americana da qual a informalidade do trabalho e a precariedade habitacional são os fatores decisivos.

OCIDENTE E ORIENTE: O PASTOR E O CAÇADOR

Quando comparamos Oriente e Ocidente diante da pandemia, poderíamos dizer que, de um lado, há um (ou vários) modelos de gestão e, do outro, a mais total ausência de modelos: no Oriente há uma governança

i Declaração de um ex-oficial da CIA depois dos atentados do 11 de setembro de 2001 (p. 10)¹.

ii A África subsaariana parece também ter um melhor desempenho (sendo que misteriosamente a África do Sul recorreu ao e tem uma taxa de mortalidade bastante elevada, embora inferior aos piores desempenhos europeus). O sistema de informação (testes, diagnóstico etc.) é tão importante e sensível que nos absteremos de analisar aqui o caso africano, por não termos tido tempo de procurar estudos e pesquisas.

que falta dramaticamente ao Ocidente³. Para os fins de nossa reflexão conjuntural, falaremos da existência de dois modelos distintos: o modelo pastoral no Ocidente e o da caça no Oriente.

No Ocidente, vigora uma política pastoral de proteção do ‘rebanho’ que implica necessariamente a proteção (talvez ilusória) pelo “rebanho”ⁱⁱⁱ. O combate ao vírus e a procura pela imunidade se misturam em uma confusão sem fim. Se a Suécia foi o único país que assumiu abertamente a opção de alcançar de maneira “natural” a imunidade de rebanho^{iv}, o *lockdown* também pode vir a ser política de rebanho: uma vez esmagada⁶ a curva do contágio, a volta de uma propagação rápida significa que, na espera que a vacina permita a obtenção da imunidade sem passar pelo adoecimento, a imunidade de rebanho resta o único horizonte diante, por um lado, da incapacidade política de implementar outras medidas e, por outro, da incapacidade gerencial de bloquear o contágio. Politicamente, depois do , o retorno de medidas de confinamento encontra cada vez mais resistência social e na mídia; gerencialmente, as políticas de testagem e o acompanhamento dos contatos não parecem dispor dos tecidos institucionais e tecnológicos adequados. Entre os dois extremos (a eugenia sueca e a solução pela vacina), o cenário parece ser da continua oscilação entre aberturas e fechamentos, com impactos sociais, econômicos e até políticos importantes.

Ao contrário, no Oriente a profilaxia é capaz de evitar a propagação para depois poder alcançar a imunidade por meio da produção de uma vacina eficaz. Há um modelo de gestão da pandemia que remete claramente a outra postura diante de uma ameaça que não se limita a esse vírus (o Sars-CoV-2), mas se dirige aos vírus emergentes ou, melhor, à emergência de novos vírus ligados ao fenômeno mais geral das zoonoses⁷. Alguns pesquisadores chamaram esse modelo (bem antes dessa pandemia) de ‘modelo da caça’. Ao invés de focar na proteção do rebanho, privilegia-se combater o vírus antes que a zoonose aconteça ou, no caso que ela já tenha acontecido, antes que o vírus se propague descontroladamente. Governos e sociedade estão preparados para uma ‘caça’ ao vírus que passa, por um lado, pela procura preventiva de todos os sinais antecipadores (por exemplo, a presença de vírus em pássaros migratórios) por parte de sentinelas capazes de antecipar a zoonose. Quando a zoonose já aconteceu, a caça ao vírus se modula em uma capacidade ímpar de traçar o contágio e, sem recorrer ao fechamento geral da economia, acompanhar a quarentena em função dos contatos. Entre a caça e a modulação, o modelo asiático parece ter uma dimensão intermediária que é específica da China, mas talvez possa ser uma chave de leitura também para o Vietnã: a mobilização. O modelo da caça implica uma abordagem perspectivista não antropocêntrica: se colocar no lugar do vírus e, sobretudo, dos animais que podem ser o veículo das zoonoses, do salto de espécie^{8,9}. Mas, como o caso do vírus Sars-CoV-2 demonstra, nem sempre o ‘caçador’ consegue evitar a zoonose: nesse caso, a caça continua, só que de maneira mais difusa e contínua, com duas variantes: por um lado, a modulação sistemática do contágio baseada na relação eficaz entre testagem e capacidade de traçar os contatos de maneira a reduzir a velocidade de propagação até zerá-la; por outro, a mistura desse mesmo modelo com episódios de *lockdown* localizados. A modulação da caça ao vírus articula a determinação política com dois dispositivos tecnológicos: a performance em termos de capacidade de testagem e o uso de aplicativos de mapeamento dos contatos para a aplicação seletiva mais eficaz da quarentena. Trata-se do modelo aplicado na Coreia do Sul¹⁰. Essa mesma política é aplicada também na China, onde ao mesmo tempo ela pode contar com um outro fator que explica sua eficácia- diante das colossais escalas populacionais. Enquanto a literatura ocidental enfatiza – com razão – as dimensões ‘dirigistas’ (estatais e autoritária) do modelo chinês, há uma outra dimensão que uma literatura chinesa chama de ‘mobilização’ (*donguyan*). O sequenciamento dos contatos e o acompanhamento da realização da quarentena podem contar com uma gestão descentralizada e eficaz baseada em redes de governança incorporada nos territórios

iii A referência do paradigma do poder pastoral é Michel Foucault⁴.

iv Até agora, essa escolha sueca tem um altíssimo custo de mortalidade que pode ser mensurado pela comparação com os países vizinhos: em 5 de outubro de 2020, sua taxa de mortalidade (57,39) é 10 vezes superior à da Finlândia (6,25) e Noruega (5,97) e 5 vezes maior que a da Dinamarca (11,35)⁵.

onde acontece – como disseram inúmeras vezes os epidemiologistas durante as fases agudas da crise – o “combate” contra o inimigo invisível. A literatura considera que essa capacidade de mobilização territorial atribuída à China (mas é possível imaginarmos que os desempenhos exemplares no Vietnã ou em Cuba podem ter na base mecanismos parecidos) seria oriunda da herança revolucionária que já tinha provado sua eficácia na “resposta bem-sucedida à epidemia de SARS de 2003”¹¹ (p.139). A aplicação da quarentena e de seus fluxos tem como base a rede territorial de comitês e coletivos de bairros, de rua e de condomínio. Temos, pois, as dimensões tecnológica e também sociológica de uma possível política de enfrentamento a essa e às próximas pandemias. Obviamente, não se trata (nem me parece desejável) de pensar na imitação de modelos (como o chinês), mas de apreender algumas de suas dimensões estruturais: por um lado, o eixo testagem-aplicativo (como traçar os contatos respeitando a liberdade?) e, por outro, aquele da mobilização (como mobilizar pela democracia?). No Brasil e na América Latina, esse segundo eixo tem como terreno possível aquele das mobilizações de solidariedade e a auto-organização que nas favelas e bairros mais pobres aconteceram nos primeiros meses de confinamento, antes que o governo federal conseguisse impor pelo cansaço seu negacionismo irresponsável¹².

A CATÁSTROFE LATINO-AMERICANA

Quando analisamos, mesmo que rapidamente, a evolução mundial da pandemia, sobretudo pela taxa de mortalidade que é um pouco mais ‘imune’ à subnotificação que aquela dos casos de infectados, o desempenho latino-americano aparece como catastrófico^v. Dos 15 países com os piores indicadores, a metade são latino-americanos, sendo que seis deles ocupam o topo da classificação: Peru (103 mortos por 100 mil habitante), Bolívia (73), Brasil (71), Chile (70), Equador (68), México (66). Pior, a maioria deles chegou no topo dessa classificação nas últimas semanas (entre setembro e outubro), o que indica que o contágio está em plena expansão. O mau desempenho não respeita nenhuma diferença em termos das políticas de enfrentamento que foram implementadas em um primeiro momento. Até a Argentina, que optou por uma política dura de *lockdown* está hoje entre os 15 piores países, com 50 mortos por 100 mil habitantes. Tirando, então, os casos bem-sucedidos do pequeno Uruguai (e também do Paraguai), o de Cuba onde a dimensão insular e o fator ‘mobilização’ do qual falamos anteriormente podem ter desempenhado um papel importante (sem mencionar a Venezuela porque os dados não têm nenhuma credibilidade), o continente latino-americano mostra que a eficácia das políticas e dos esforços de contenção da pandemia é drasticamente limitada pelo fato de uma porção expressiva da população depender do mercado informal. Essa população precisa continuar se movimentando e não pode respeitar por períodos longos o distanciamento social (em particular, nos transportes coletivos), ao passo que as condições habitacionais precárias (densidade ocupacional de barracos insalubres em bairros sem ou com pouco saneamento básico) amplificam ulteriormente as dificuldades. Diante disso, a única condição para uma efetiva política de enfrentamento da pandemia – na falta de uma preparação para o novo paradigma da caça – teria sido a renda emergencial. No caso do Brasil, a renda foi até implementada e de maneira efetiva: algo como 60 milhões de pessoas receberam entre 600 e 1200 reais por vários meses. Mas, o impacto do auxílio foi paradoxal: implementado com muito atraso (do mesmo modo que atrasou ou foi nulo o apoio financeiro às micro e pequenas empresas que fecharam aos milhares), ele acabou reforçando politicamente o negacionismo presidencial e a aceleração de uma abertura geral guiada mais pelo cansaço do que pelo sucesso da contenção do vírus. O Brasil tem, assim, indicadores péssimos.

v A análise da subnotificação constitui um terreno importante de compreensão ao mesmo tempo da evolução epidemiológica e do impacto real da pandemia, mas nessa nota não temos condições de mobilizar a literatura. Na matéria do Financial Times “Coronavirus: the latest figures as countries fight Covid-19 resurgence”², há bastante dados sobre *excess mortality*.

Contudo, no meio do drama de um número altíssimo de vítimas, o paradoxo do auxílio emergencial continua desempenhando um papel de não fácil solução por parte do poder. Com uma atividade econômica atingida pelo descontrole da pandemia (que implica a continuidade do confinamento por parte dos segmentos de população que têm condições para isso), a redução ou extinção do auxílio pode ter efeitos sociais e políticos contraditórios. Não implementar o auxílio poderia ter determinado mobilizações sociais. Mas sua supressão (ou mesmo diminuição) gerará um mal-estar social ainda mais certo. Por isso é que está sendo cogitada a Renda Básica de Cidadania, atualmente encalhada entre o teto de gastos e a definição de cortes que poderiam financiá-la. O paradoxo dos efeitos políticos e sociais da transformação da renda emergencial em renda de cidadania acabam nos tradicionais impasses da política econômica: entre a austeridade do equilíbrio fiscal ('não há dinheiro para tudo') e a ilusão da mágica monetária ('há dinheiro para resolver qualquer problema'). Não há como sair desse impasse... a não ser pela 'dialética dos helicópteros'. Com efeito, no meio da pandemia e, sobretudo, no Rio de Janeiro houve duas políticas dos helicópteros. Uma é essa da qual estamos falando: a distribuição de dinheiro por meio de um auxílio massificado é algo que os economistas chamam de 'dinheiro por helicóptero'^{vi} na medida em que a distribuição direta sem condicionais e outros critérios permite reduzir ou quase cancelar todos os gastos que derivariam dessa gestão complexa. Por isso, diz-se que é como se o dinheiro caísse do céu, de um helicóptero. O milagre desse dinheiro – como foi nesse caso – é também que ele entra todo no circuito, pois os lares que o recebem estão com necessidades imediatas de pagar alugueis e bens essenciais e o gastam imediatamente, contrastando a queda da atividade econômica. Mas há um outro helicóptero, dessa vez um verdadeiro, que entrou no debate da pandemia, com a ajuda dos levantes americanos contra a violência racista das polícias: diante da repetição de mortes de jovens e crianças nas favelas cariocas nas operações de polícia que metralha as favelas desde o céu, o ministro do STF, Edson Fachin, baixou a interdição dessas operações durante a pandemia – menos em casos excepcionais e com base em autorização prévia. De repente, o número de vítimas fatais das operações policiais baixou e a defesa da vida diante do vírus encontrou alguma coerência na defesa da vida diante das balas. Qual é a relação entre os dois helicópteros? Para que aquele da renda de cidadania continue voando para além do teto dos gastos, é preciso que aquele da guerra insensata continue no chão: isso só é possível à medida que se renove a questão da mobilização, não aquela autoritária de um partido e de uma ideologia, mas a da democracia. A mobilização democrática é a condição para que a renda de cidadania corte em diagonal o debate monetário¹⁴.

A VACINA DA IMAGINAÇÃO

Nessa altura, nossas reflexões estariam apenas a começar. Podemos, contudo, tentar uma conclusão que indique um caminho para uma reflexão de mais fôlego sobre o que estamos vivenciando. Gilles Deleuze e Félix Guattari escreveram que “não nos falta comunicação, ao contrário temos comunicação demais, nos falta criação. Nos falta resistência ao presente”¹⁵(p. 104). Como não pensar nos embates políticos e científicos diante da pandemia sanitária e do pandemônio político? Por um lado, as redes sociais multiplicam as fake news; por outro, a transformação das opiniões (por exemplo, médicos italianos como Zangrillo, diretor das terapias intensivas do Hospital San Raffaele de Milão, que passaram a declarar que o “vírus está clinicamente morto”¹⁶ e hipóteses de pesquisa (como a de Didier Raoult sobre a hidroxicloroquina^{vii}) inflacionam uma comunicação que amplifica o caos e as dificuldades de enfrentamento da pandemia. Resistir ao vírus significa resistir a essa corrupção do valor das palavras e, pois, colocar no lugar da ‘comunicação’ a criação. Em seu diário

vi A expressão ‘*Helicopter Money*’ foi cunhada por Milton Friedman, em 1969¹³.

vii Raoult é o médico e pesquisador do Hospital Universitário de Marseille (França) que publicou um vídeo no Youtube apresentando a cloroquina como ‘panaceia’ com base em seus ensaios clínicos. Esse vídeo foi aproveitado, como sabemos, por Trump e Bolsonaro. Há um sem número de vídeos com Raoult no Youtube; o aqui mencionado é do dia 6 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eTSLFU0wL6A>.

do confinamento, o escritor italiano Paolo Giordano escreveu: “Antes de ser urgência médica, as epidemias são urgências matemáticas. Isso porque a matemática não é uma ciência dos números, mas das relações [e] o contágio é uma infecção de nossa rede de relações”¹⁷. Sabemos que o modelo matemático das doenças infecciosas se chama SIR: Suscetíveis, Infectados, Rejeitados. Paolo explica: “nós esperamos sempre uma progressão linear, é mais forte que nós. Ora, a progressão dos infectados é exponencial: “a natureza é por natureza não linear”. Por isso, o efeito cumulativo de nossas ações individuais sobre a coletividade é diferente da soma dos efeitos singulares. Para Phillip Warren (1972 *apud*¹⁸), se nós somos muitos, cada um de nossos comportamentos tem consequências globais abstratas e difíceis de conceber. “No contágio a ausência de solidariedade é antes de mais nada falta de imaginação”, diz Giordano¹⁷. A criação aqui aparece como imaginação.

Jean-Pierre Dupuy¹ pensa que a imaginação falta muitas vezes tanto aos intelectuais quanto aos políticos: “Eles gritam: esse pânico todo por nada. A desnutrição mata 9 milhões de pessoas dos quais 3 milhões de crianças a cada ano... quando esse vírus traz mais coisas à condição mortal do homem”. Ao mesmo tempo, “a China viu corretamente, é no ovo que é preciso esmagar toda retomada da epidemia”¹⁹. Ora, o mesmo Dupuy¹, em uma reflexão de fôlego sobre como as catástrofes naturais e morais não têm hoje mais nenhuma distinção, lembra como Hannah Arendt atribui a conduta dos homens que produzem a catástrofe à mais total falta de imaginação¹⁹. Dupuy¹ recupera também a reflexão, bem menos conhecida, do filósofo alemão Günther Anders (que foi esposo de Hannah): para ele essa falta de imaginação não se deve à fraqueza de algumas pessoas, mas de todo o mundo quando a espécie humana alcança uma capacidade de invenção, e de destruição, que se torna desproporcionalmente grande com relação à condição humana. Abre-se aqui o horizonte urgente de uma discussão sobre essas catástrofes e aquelas por vir, que talvez tenha que renovar a polêmica entre Voltaire e Rousseau diante da tragédia do terremoto de Lisboa (1755). Mas essa é uma tarefa para uma nova nota de reflexão.

REFERÊNCIAS

1. Dupuy JP. A short treatise on the metaphysics of tsunamis: studies in violence, mimesis and culture. DeBevoise MB, translator. East Lansing, MI: Michigan State University Press; 2015.
2. Coronavirus: the latest figures as countries fight Covid-19 resurgence. Financial Times [Internet] 2020 Oct 16 [cited 2020 Oct 16];Coronavirus Pandemic. Available from: <https://www.ft.com/content/a2901ce8-5eb7-4633-b89c-cbdf5b386938>.
3. Parienté J, Audureau W, Dagorn G, et al. Covid-19: 54 scientifiques évaluent la stratégie sanitaire. Le Monde [Internet] 2020 oct 06 [cité dans 2020 oct 16]. Disponible en: <https://bit.ly/31wV8sF>.
4. Foucault M. Naissance de la biopolitique, cours au Collège de France, 1977-1978. Paris: Seuil-Gallimard; 1981.
5. Milne R. Anders Tegnell and the Swedish covid experiment. Financial Times [Internet]. 2020 Sept 11 [cited 2020 Oct 16];Coronavirus Pandemic. Available from: <https://www.ft.com/content/5cc92d45-fbdb-43b7-9c66-26501693a371>.
6. Charleaux RP. Porque achatar a curva do vírus pode não ser suficiente. Nexo [Internet] 2020 jun. 26 [citado em 2020 out. 16];Entrevista. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2020/06/26/por-que-achatar-a-curva-do-virus-pode-nao-ser-suficiente>.
7. Burgio E. Um último relatório sobre uma pandemia anunciada (em vão). Salomão C, tradutor. Lugar Comum [Internet]. 2020 ago. [citado em 2020 out. 22];58:12-30. Disponível em: <https://bit.ly/3maDG5g>.
8. Keck F. From Purgatory to sentinel. 'Forms/events' in the field of zoonoses. Cambridge Anthropol. 2014;32(1):47-61.
9. Caçadores de vírus. UniNômade Brasil [Internet] 2020 set. 23 [citado em 2020 out. 16];Tenda. Disponível em: <http://uninomade.net/tenda/cacadores-de-virus/>.
10. Grizotti G. Covid-19 e human tracking. Orlandini G, tradutor. Lugar Comum [Internet]. 2020 abr. [citado em 2020 out. 16];57:177-86. Disponível em: <https://bit.ly/3kpBbvp>.

11. Zhiyu L. Mobilization. Sima W, translator. In: Storace C, Franceschini I, Loubere N. After lives of Chinese Communism: political concepts from Mao to Xi. Camberra: ANU Press; 2019.
12. O vírus e o paradoxo da democracia. UniNômade Brasil [Internet] 2020 abr. 08 [citado em 16 out. 2020];Tenda. Disponível em: <http://uninomade.net/tenda/o-virus-e-o-paradoxo-da-democracia/>.
13. Helicopter Money [Internet]. St. Petersburg (FL): Wikimedia Foundation, Inc. 2001 [modified 2020 Aug 31; cited 2020 Oct 16]. Available from: https://en.wikipedia.org/wiki/Helicopter_money#Origins.
14. Cava B. Renda Universal corta em diagonal o debate monetário saturado ideologicamente. Rev IHU On-line [Internet]. 2020 jun. 13 [citado em 2020 out. 16]. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599912-renda-universal>.
15. Deleuze G, Guattari F. Qu'est-ce que la philosophie? Paris: Minuit; 1991.
16. Santarpia V. Zangrillo: il vírus è clinicamente morto. Corriere dela Sera [Internet]. 2020 mag. 31 [citato il 2020 ott. 22]. Disponibili in: https://www.corriere.it/salute/20_maggio_31/zangrillo-il-virus-non-esiste-piu-sdegno-esperti-messaggi-fuorvianti-830d969e-a36e-11ea-8193-03ffea7ed6db.shtml.
17. Giordano P. Contagions. Le Monde [Internet] 2020 mars 24 [cité dans 2020 oct 22];Livres. Disponible en: https://www.lepoint.fr/livres/contagions-le-manifeste-de-paolo-giordano-24-03-2020-2368507_37.php.
18. Reverchon A. Si nous sommes la seule cause des maux qui nous frappent, notre responsabilité devient démesurée. Le Monde [Internet] 2020 abr. 28 [cité dans 2020 oct 22]; Idées. Disponible en: https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/07/03/jean-pierre-dupuy-si-nous-sommes-la-seule-cause-des-maux-qui-nous-frappent-alors-notre-responsabilite-devient-demesuree_6045012_3232.html.
19. Reverchon A. Jean-Pierre Dupuy: "Si nous sommes la seule cause des maux qui nous frappent, notre responsabilité devient démesurée". Le Monde [Internet]. 2020 jul; 3 [cité dans 2020 oct 22]. Disponible en: https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/07/03/jean-pierre-dupuy-si-nous-sommes-la-seule-cause-des-maux-qui-nous-frappent-alors-notre-responsabilite-devient-demesuree_6045012_3232.html.